

Uma política econômica mais consistente, a exigência nos EUA

por Paulo Sotero
de Washington

Nas mais de cinco horas de conversas que teve com altos funcionários do governo dos Estados Unidos, no final da semana passada, o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, ouviu essencialmente a mesma mensagem que lhe transmitiram as autoridades econômicas européias: os governos não gostaram da decisão brasileira de suspender os pagamentos dos juros devidos aos bancos, gostaram menos ainda do fato de não terem sido consultados, mas compreendem a posição do governo brasileiro e simpatizam com as dificuldades econômicas do País. Todos, sem exceção, disseram a Funaro:

se quiser o apoio dos governos nas negociações com os bancos, o Brasil terá, primeiro, de ter um programa econômico consistente e viável.

As conversas de Funaro com o secretário do Tesouro, James Baker, com o presidente do Federal Reserve Board, Paul Volcker, e o vice-secretário de Estado, John Whitehead, na sexta-feira passada, foram "francas e cordiais", de acordo com as descrições de um funcionário do governo que participou de uma delas. "Funaro disse a posição, que ele também já conhecia, e ficou nisso. Cada lado continua interessado em investir no Brasil mas quer ver mais, em termos de programa econômico". Nada se sabe sobre o

contato que teve com o novo diretor do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus. É certo, contudo, que Baker, Volcker, Whitehead, Conable e Camdessus coordenaram-se entre si antes de receber Funaro.

De acordo com outra fonte, a conversa do ministro da Fazenda com seus interlocutores americanos pode ser resumida da seguinte forma: sem especificar números, Funaro disse que não há sentido em armar uma política econômica de longo fôlego sem a garantia de que haverá linhas de crédito à exportação e recursos dos bancos multilaterais de desenvolvimento.

Baker, Volcker e White-

head responderam-lhe que não há como dar ao Brasil tal garantia se o País não tomar providências para curar o mal interno que o levou a ter de suspender os pagamentos, adotando um programa econômico convincente. O governo americano não insistiu no envolvimento do FMI. A mesma posição foi adotada por Bonn e, nesse particular, apenas a Inglaterra destoa, insistindo nas vantagens de um programa entre o País e o FMI.

Em linhas gerais, o resultado da viagem está levando alguns banqueiros a se preparar a uma longa batalha, durante a qual se arriscam a levar uma mordida de vários milhões de dólares em lucros não realizados.